

Os últimos tapebas, na miséria

RODOLFO ESPINOLA
Correspondente em FORTALEZA

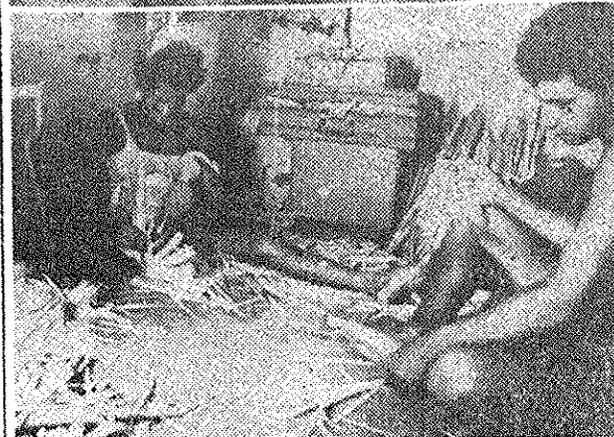
Há séculos, eles foram guerreiros valentes, expulsaram os cariris e tornaram-se senhores do litoral cearense. Atualmente, porém, não existe nem sinal de bravos, ao contrário: tudo é aspirado com derrotismo e muita cachaça. Se um casa, há festa e cachaça; quando um deles morre, também corre muita cachaça. Eles são os tapebas, um subgrupo dos legendários tremembés, que hoje não passam de cem indígenas derrotados pela civilização. Vivendo em palhoças, na divisa de Fortaleza com Caucaia, às margens do rio Ceará, na BR-222, vivem os últimos descendentes na miséria.

Pardos, de cabelos pretos e encarapinhados, olhos rasos e amendoados, nariz achatado, maçãs faciais salientes, boca larga, lábios grossos, dentes estragados, não muito altos. Esse é o retrato de um descendente dos antigos tremembés, que não têm terras e não preocupam ninguém do governo. No dia 19 foi comemorado o "Dia do Índio", mas a data passou em branco no Ceará, porque nos registros da Funai não há qualquer lembrança desses índios. Sua identidade tribal acabou — muitos estão vivendo nos distritos de Itaimbé, Taquara, Vila Mosquito e Soledade — porque os tapebas se consideram integralmente ligados à vida da cidade grande e não houve, durante as últimas décadas, uma preocupação deles em preservar seus costumes.

Francisco Alves dos Reis, o "Chico Passarinho", é hoje uma espécie de chefe dos tapebas, com a morte, há dez anos, do "chefe Victor". É ele quem conta como vivem seus parentes índios: "Estamos atravessando muitas necessidades, temos doenças e ninguém tem emprego" — revela magoado, ao recordar que "antigamente vivíamos até bem, pois tínhamos peixes e frutas por estes lados. Entretanto, agora, tudo isso é muito raro. Produzíamos aqui mapirunga, guabiraba, manipuca" (frutas silvestres que eram comercializadas na cidade). A manipueira — molho feito a partir da água da mandioca — também era muito apreciada, não só pelos tapebas, como por muita gente de Caucaia. Quanto à caça, "tudo desapareceu: é muito difícil encontrarmos hoje um tejo, um preá" — acrescentou.

A subsistência dos tapebas é garantida atualmente por uma subatividade pesqueira no rio Ceará e pela fabricação de vassouras de Tucum. Além disso, eles ainda conservam uma tradição secular: são especialistas na captura de pássaros, os quais, geralmente, quando não estão pintados com tintas nativas, são comercializados embriagados. Eles também gostam de vender flores e pequenas plantas nativas. São homens que não têm nenhuma noção de dinheiro, pois é comum eles cobrem Cr\$ 5 mil por uma planta e deixarem por Cr\$ 100. A vida dos tapebas é muito dura, insiste "Chico Passarinho" (ele ganhou esse apelido porque sempre preferiu ganhar a vida capturando pássaros) ao afirmar que "onde vivemos existem focos de mosquitos e muricocas, que nos trazem as doenças".

Ele não conhece a história de seus antepassados, mas garante que "desapareceram devido à presença do homem branco em nossa região. Lembrome muito bem que com a presença do homem branco, fomos sempre nos embrenhando nos matos", segundo "Chico" "quando temos uma doença, curamos com os remédios do mata mesmo.



Fotos Stenio Saraiva - Telefotos "Diário do Nordeste"

No Ceará não houve Dia do Índio, mas perto da capital 100 tapebas vivem de poucos peixes

Resfriado, um pouco febril, índio não dá muita importância e continua dentro do rio pescando caranguejo ou camarão". Aspirina ou outro remédio qualquer da cidade só tomam obrigados ou depois de muitos argumentos. "Temos a nossa própria Medicina" — comentou ele dá uma receita para a gripe: chá de flores do cravo-de-defunto ou, então, chá com folhas de arruda. Para as doenças do aparelho respiratório, o mastruco também muito usado. As cólicas são curadas com o resultado da mistura da cebola branca com alface, enquanto que para diarreias eles se valem de folhas de pitangueiras, ou brotos de goiaba verde.

"Chico" tem muitas mágoas do pessoal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caucaia: "Comecei a contribuir para o sindicato em 1972, retirando muitas vezes o dinheiro da boca de

meus filhos. Em 1980 precisei operar uma hérnia, procurei o sindicato para que custeasse as despesas. Lá, para tristeza minha, fui informado que o sindicato não cobria nenhuma despesa com a operação e o resultado é que, hoje, continuo doente em sem condições de trabalhar". Ele não contribui para nenhum instituto de previdência porque considera tudo isso "enrolação".

Apesar da falta de documentos e crônicas de historiadores, a história dos selvagens que habitavam o Ceará no Brasil primitivo não é fácil de ser determinada. Não é muito o que se sabe com certeza sobre a cultura e a vida de cada grupo ou nação. Muitas tribos tinham mais de um nome, nomes que chegaram até hoje gerando uma falsa pluralidade de grupos indígenas. Além do nome tradicional, os grupos adquiriram

apelidos, quase sempre pejorativos, criados por tribos vizinhas ou pelos colonizadores.

Dois grupos habitavam o Ceará no Descobrimto: os tupis e os guaranis. Essas duas nações subdividiam-se em grupos e subgrupos, num total de 60. As principais tribos que viviam no território cearense eram os cariris, os jucas, os icós, os paicus e os tremembés, quase todas nômades. Os cariris foram os primeiros habitantes da orla marítima, provenientes da Serra da Borborema (PB), mas passaram muitos anos vivendo nas imediações da Serra do Araripe. Os tapebas constituem um subgrupo dos caucalás que, por sua vez, eram um grupo dos tremembés. Essa tribo, de que se originaram os decadentes índios cearenses atuais, foi objeto de repetidas referências dos colonizadores.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *10 Estados de S. Paulo*

Class.: 00

Data: *02/05/82*

Pg.: _____